

# Ciclistas algarvios no Brasil

Entre os cinco corredores que representam Portugal na «Volta a S. Paulo», 3 são algarvios: Sérgio Páscoa e Jorge Corvo, do Ginásio de Tavira e Vítor Tenazinha, do Louletano

ANO XIII N.º 325

JUNHO — 20

1 9 6 5

Composto e impresso na  
TIPOGRAFIA UNIÃO  
Tel. 22319 — Rua do Município, 12 — FARO

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

DIRECTOR

EDITOR E PROPRIETÁRIO

Redacção e Administração  
GRAFICA LOULETANA  
Tel. 216 — R. da Carreira — LOULE

CURRENTE CALAMO

# A FÉ DOS LOULETANOS

De diversos lados têm surgido últimamente votos e depoimentos de pessoas cientes e qualificadas, no sentido de reacender a antiga chama, em prol da construção do Santuário de Nossa Senhora da Piedade. A ideia já vem de trás, mas parecia adormecida, numa longa noite de muitos anos: já cerca de 20 anos se passaram sobre a data do legado, que ao problema veio trazer perspectiva material decisiva.

A escuridão da incerteza era, porém, aparente e incompleta, por isso que bastou uma pequena (grande) «deixa» para reavivar

O HOSPITAL  
da Misericórdia  
tem mais um distinto  
Médico-Cirurgião  
ao seu serviço

Começou a prestar serviço em Loulé, periodicamente, no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, o distinto médico de rins e vias urinárias, Dr. Angelo Mota, Chefe dos serviços de Urologia dos Hospitais da Universidade de Coimbra.

É realmente, uma colaboração, aos já afamados serviços clínicos do nosso Hospital, que pode classificar-se de preciosamente dada a alta categoria e especialização do novo clínico, que já no passado dia 8 deste mês ali deu consulta.

Fica de facto bastante enriquecido o corpo clínico do Hospital de Loulé com esta agregação do conceituado especialista e afamado cirurgião.

# QUEM É O DONO DA VACA?

Da Casa do Povo de Alte recebemos esta nota diplomática, sob a forma de aviso: «Fica V. Ex.º avisado de que nos termos do Decreto-lei n.º 30710 e de harmonia com o acordo de quotas em vigor nesta Casa do Povo, foi a sua quota alterada para 60\$00, a partir de 1 de Janeiro de 1965, por motivo de novo acordo de quotas celebrado entre esta Casa do Povo e o Grémio da Lavoura de Loulé.

Nun artigo publicado em «A Voz de Loulé», de 2 de Maio, e subscrito por um amigo da Casa do Povo, e a fazer-se eco desta, diz-se, a certa altura: «1. A Casa do Povo não se arvorou em órgão legislativo. Foi obrigada a fazer a revisão das quotas dos

na alma dos louletanos a antiga vontade, que crepitava no silêncio como brasa sob cinza. Não tinha caído no limbo largo do olvido. Aliás, ainda que tal se verificasse, bem podia tratar-se de mera constante do domínio do pensamento pensante, a do princípio de que é preciso «esquecer para recordar».

O caso só haveria de causar apreensões se, para além daquele esquecimento psicológicamente necessário, de caráter selectivo, houvesse em tal situação uma questão de amnésia, forma já patológica de esquecer.

É interessante conhecer e realçar os termos da distinção, por quanto toda a gente sabe que no

(Continuação na 2.ª página)

# O CHEFE DO ESTADO visita LOULÉ

Está assente, em princípio, que Sua Ex.º o Chefe do Estado, na sua deslocação ao Algarve, a quando da inauguração do Aeroporto de Faro, visitará esta Vila e depará um ramo de flores no Monumento ao saudoso Ministro Duarte Pacheco.

Esta visita, como dissemos, projectada em princípio para o dia 13 de Julho, oferecerá a Loulé as possibilidades de reviver os altos motivos de profunda exaltação patriótica de que deu mostras em épocas passadas.

A Câmara Municipal e todas as autoridades do Concelho estão altamente empenhadas em que todo o Povo do Concelho colabore na grandiosa manifestação que se prepara com motivo de esquecer.

Loulé vai, certamente, demonstrar mais uma vez que não estão apagados os seus brios e que receberá fidalgamente a visita do primeiro Magistrado da Nação.

(Continuação na 5.ª página)

# Carta de Lisboa

Desde há mais de trinta anos que nos habituámos à publicação das contas de gerência do Estado que aparecem, normalmente, nos diários, nesta quadra primaveril, quase na fronteira do cálido Verão que se aproxima. Assim como o Orçamento Geral é apresentado, pontualmente, à Assembleia Nacional para discussão e aprovação, também o resultado da gerência anual é dado a conhecer ao público logo que se verifique o encerramento das contas pelo Ministério das Finanças.

A linha geral do Relatório deixa transparecer o que de construtivo e basilar se vai processando com as receitas que o Estado arrecada e que, em 1964, atingiram a elevada cifra de 17.498.540 contos, a mais alta importância até agora entrada nos cofres públicos, com a qual se honraram compromissos da ordem dos 17.167.419 contos, donde resulta um saldo positivo de larga margem.

A Nação soube honrar com dignidade e grandeza, no Dia de

(Continuação na 2.ª página)

# BATALHAS DE FLORES

Vimos no nosso número anterior escrito que as batalhas de flores correm o risco de perder, em Loulé, aquele timbre inicial de festas públicas levadas a efeito por algumas famílias da localidade e depois do concelho, a benefício da maior instituição de caridade da terra: o seu Hospital. A sua projeção exterior e a continuidade desejada por alguns, fizeram com que se gerassem

Alfaiate  
de Presidentes

criou o «CORTE CLEMENT»  
UM PORTUGUÊS QUE VIVE NA VENEZUELA

Alvaro Clemente, dito Clement, português de 39 anos, é — há doze anos — o mais famoso alfaiate da Venezuela. Faz fatos para Presidentes (na América do Sul), criou um corte e um estilo pessoal, é homem de grande mundo e tem da vida uma noção prática e precisa. Mandar fazer um fato de «corte Clement» equivale a desembolsar oito contos, e, mesmo assim, sujeitar-se a uma espera de, pelo menos, três meses. Natural de Loulé, casado aos 17 anos, fez a rota da emigração para mudar de ar e ambiente, apenas para isso — pois em Portugal já tinha prestígio e fortuna. Este regresso à Europa (com paragem em Lisboa, uma visita aos velhos países algarvios) é explicado por um convite de Pierre Cardin, que quer associar-se ao nosso compatriota. Vlajara, pois, por Paris, e também Londres, Milão e Roma. «Vou ver o que a Europa tem de novo acerca de moda masculina» — diz-nos.

Julgo-me incapaz de ter conscientemente, ofendido com premeditação, intencionalidade, com iniciativa de maldade, qualquer pessoa e desafio, quem julgue que isto é artifício, a inquirir porque é que se sente ferido ou magoado comigo, por eu ter atacado sem ser atacado, por eu ter criticado sem ser criticado, por eu

(Continuação na 2.ª página)

Do «Diário Popular»

ma que nunca pratique um excesso em matéria de dignidade, verdade, exactidão ou sinceridade.

Procuro sempre avaliar as minhas reacções com sacrifício do relativo ao absoluto, de forma a que sejam sempre temperadas com a capacidade de dar sentido de solidariedade, tolerância, harmonia, compreensão, entusiasmo, sem pensamentos negativos, porque, desses já eu sei que todos os temos, como princípio por dizer e deles que me querem libertar.

Julgou-me incapaz de ter conscientemente, ofendido com premeditação, intencionalidade, com iniciativa de maldade, qualquer pessoa e desafio, quem julgue que isto é artifício, a inquirir porque é que se sente ferido ou magoado comigo, por eu ter atacado sem ser atacado, por eu ter criticado sem ser criticado, por eu

(Continuação na 2.ª página)

Do «Diário Popular»

ma que nunca pratique um excesso em matéria de dignidade, verdade, exactidão ou sinceridade.

Procuro sempre avaliar as minhas reacções com sacrifício do relativo ao absoluto, de forma a que sejam sempre temperadas com a capacidade de dar sentido de solidariedade, tolerância, harmonia, compreensão, entusiasmo, sem pensamentos negativos, porque, desses já eu sei que todos os temos, como princípio por dizer e deles que me querem libertar.

Julgou-me incapaz de ter conscientemente, ofendido com premeditação, intencionalidade, com iniciativa de maldade, qualquer pessoa e desafio, quem julgue que isto é artifício, a inquirir porque é que se sente ferido ou magoado comigo, por eu ter atacado sem ser atacado, por eu ter criticado sem ser criticado, por eu

(Continuação na 2.ª página)

Do «Diário Popular»

ma que nunca pratique um excesso em matéria de dignidade, verdade, exactidão ou sinceridade.

Procuro sempre avaliar as minhas reacções com sacrifício do relativo ao absoluto, de forma a que sejam sempre temperadas com a capacidade de dar sentido de solidariedade, tolerância, harmonia, compreensão, entusiasmo, sem pensamentos negativos, porque, desses já eu sei que todos os temos, como princípio por dizer e deles que me querem libertar.

Julgou-me incapaz de ter conscientemente, ofendido com premeditação, intencionalidade, com iniciativa de maldade, qualquer pessoa e desafio, quem julgue que isto é artifício, a inquirir porque é que se sente ferido ou magoado comigo, por eu ter atacado sem ser atacado, por eu ter criticado sem ser criticado, por eu

(Continuação na 2.ª página)

Do «Diário Popular»

ma que nunca pratique um excesso em matéria de dignidade, verdade, exactidão ou sinceridade.

Procuro sempre avaliar as minhas reacções com sacrifício do relativo ao absoluto, de forma a que sejam sempre temperadas com a capacidade de dar sentido de solidariedade, tolerância, harmonia, compreensão, entusiasmo, sem pensamentos negativos, porque, desses já eu sei que todos os temos, como princípio por dizer e deles que me querem libertar.

Julgou-me incapaz de ter conscientemente, ofendido com premeditação, intencionalidade, com iniciativa de maldade, qualquer pessoa e desafio, quem julgue que isto é artifício, a inquirir porque é que se sente ferido ou magoado comigo, por eu ter atacado sem ser atacado, por eu ter criticado sem ser criticado, por eu

(Continuação na 2.ª página)

Do «Diário Popular»

ma que nunca pratique um excesso em matéria de dignidade, verdade, exactidão ou sinceridade.

Procuro sempre avaliar as minhas reacções com sacrifício do relativo ao absoluto, de forma a que sejam sempre temperadas com a capacidade de dar sentido de solidariedade, tolerância, harmonia, compreensão, entusiasmo, sem pensamentos negativos, porque, desses já eu sei que todos os temos, como princípio por dizer e deles que me querem libertar.

Julgou-me incapaz de ter conscientemente, ofendido com premeditação, intencionalidade, com iniciativa de maldade, qualquer pessoa e desafio, quem julgue que isto é artifício, a inquirir porque é que se sente ferido ou magoado comigo, por eu ter atacado sem ser atacado, por eu ter criticado sem ser criticado, por eu

(Continuação na 2.ª página)

Do «Diário Popular»

ma que nunca pratique um excesso em matéria de dignidade, verdade, exactidão ou sinceridade.

Procuro sempre avaliar as minhas reacções com sacrifício do relativo ao absoluto, de forma a que sejam sempre temperadas com a capacidade de dar sentido de solidariedade, tolerância, harmonia, compreensão, entusiasmo, sem pensamentos negativos, porque, desses já eu sei que todos os temos, como princípio por dizer e deles que me querem libertar.

Julgou-me incapaz de ter conscientemente, ofendido com premeditação, intencionalidade, com iniciativa de maldade, qualquer pessoa e desafio, quem julgue que isto é artifício, a inquirir porque é que se sente ferido ou magoado comigo, por eu ter atacado sem ser atacado, por eu ter criticado sem ser criticado, por eu

(Continuação na 2.ª página)

Do «Diário Popular»

ma que nunca pratique um excesso em matéria de dignidade, verdade, exactidão ou sinceridade.

Procuro sempre avaliar as minhas reacções com sacrifício do relativo ao absoluto, de forma a que sejam sempre temperadas com a capacidade de dar sentido de solidariedade, tolerância, harmonia, compreensão, entusiasmo, sem pensamentos negativos, porque, desses já eu sei que todos os temos, como princípio por dizer e deles que me querem libertar.

Julgou-me incapaz de ter conscientemente, ofendido com premeditação, intencionalidade, com iniciativa de maldade, qualquer pessoa e desafio, quem julgue que isto é artifício, a inquirir porque é que se sente ferido ou magoado comigo, por eu ter atacado sem ser atacado, por eu ter criticado sem ser criticado, por eu

(Continuação na 2.ª página)

Do «Diário Popular»

ma que nunca pratique um excesso em matéria de dignidade, verdade, exactidão ou sinceridade.

Procuro sempre avaliar as minhas reacções com sacrifício do relativo ao absoluto, de forma a que sejam sempre temperadas com a capacidade de dar sentido de solidariedade, tolerância, harmonia, compreensão, entusiasmo, sem pensamentos negativos, porque, desses já eu sei que todos os temos, como princípio por dizer e deles que me querem libertar.

Julgou-me incapaz de ter conscientemente, ofendido com premeditação, intencionalidade, com iniciativa de maldade, qualquer pessoa e desafio, quem julgue que isto é artifício, a inquirir porque é que se sente ferido ou magoado comigo, por eu ter atacado sem ser atacado, por eu ter criticado sem ser criticado, por eu

(Continuação na 2.ª página)

Do «Diário Popular»

ma que nunca pratique um excesso em matéria de dignidade, verdade, exactidão ou sinceridade.

Procuro sempre avaliar as minhas reacções com sacrifício do relativo ao absoluto, de forma a que sejam sempre temperadas com a capacidade de dar sentido de solidariedade, tolerância, harmonia, compreensão, entusiasmo, sem pensamentos negativos, porque, desses já eu sei que todos os temos, como princípio por dizer e deles que me querem libertar.

Julgou-me incapaz de ter conscientemente, ofendido com premeditação, intencionalidade, com iniciativa de maldade, qualquer pessoa e desafio, quem julgue que isto é artifício, a inquirir porque é que se sente ferido ou magoado comigo, por eu ter atacado sem ser atacado, por eu ter criticado sem ser criticado, por eu

(Continuação na 2.ª página)

Do «Diário Popular»

ma que nunca pratique um excesso em matéria de dignidade, verdade, exactidão ou sinceridade.

Procuro sempre avaliar as minhas reacções com sacrifício do relativo ao absoluto, de forma a que sejam sempre temperadas com a capacidade de dar sentido de solidariedade, tolerância, harmonia, compreensão, entusiasmo, sem pensamentos negativos, porque, desses já eu sei que todos os temos, como princípio por dizer e deles que me querem libertar.

Julgou-me incapaz de ter conscientemente, ofendido com premeditação, intencionalidade, com iniciativa de maldade, qualquer pessoa e desafio, quem julgue que isto é artifício, a inquirir porque é que se sente ferido ou magoado comigo, por eu ter atacado sem ser atacado, por eu ter criticado sem ser criticado, por eu

(Continuação na 2.ª página)

Do «Diário Popular»

ma que nunca pratique um excesso em matéria de dignidade, verdade, exactidão ou sinceridade.

Procuro sempre avaliar as minhas reacções com sacrifício do relativo ao absoluto, de forma a que sejam sempre temperadas com a capacidade de dar sentido de solidariedade, tolerância, harmonia, compreensão, entusiasmo, sem pensamentos negativos, porque, desses já eu sei que todos os temos, como princípio por dizer e deles que me querem libertar.

Julgou-me incapaz de ter conscientemente, ofendido com premeditação, intencionalidade, com iniciativa de maldade, qualquer pessoa e desafio, quem julgue que isto é artifício, a inquirir porque é que se sente ferido ou magoado comigo, por eu ter atacado sem ser atacado, por eu ter criticado sem ser criticado, por eu

(Continuação na 2.ª página)

Do «Diário Popular»

ma que nunca pratique um excesso em matéria de dignidade, verdade, exactidão ou sinceridade.

Procuro sempre avaliar as minhas reacções com sacrifício do relativo ao absoluto, de forma a que sejam sempre temperadas com a capacidade de dar sentido de solidariedade, tolerância, harmonia, compreensão, entusiasmo, sem

# Panoramicas... de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

ter sido desleal na forma ou incorrecto no termo, se não tiver sido previamente vítima de qualquer violência escrita ou falada.

Sim, que apareça o primeiro e tomo solememente o compromisso de desfazer qualquer afronta que se tenha dado fora destes condicionalismos!

Mas há uma coisa que eu nunca fiz. Foi cegar na carreira, atacando sem elegância, sem sobriedade no uso da expressão, sem compostura no uso dos adjetivos, sem violência no conteúdo da frase, sem ameaças injuriosas, ainda que, fisicamente, dispusesse de vigor para o fazer.

Nunca gostei de «pôr cuspo na orelha» nem em pequeno, nem em grande.

Há ainda outra coisa que eu nunca fiz: é atrair para ação de outros, as responsabilidades daquilo que não fiz por inaptidão, inércia, ou falta de tempo ou de oportunidade.

Acho muito feio, mesmo que para desculpar aquilo que não pude ou não soube fazer; ir dizer agora: Não está feito, porque A, B, ou C, não me deixaram fazer, quando sabemos que o A, o B, ou o C, nada podiam interferir, se houvesse vontade, intenção, gosto ou habilidade para o fazer.

## Cumpre-se — A Lei

(Continuação da 1.ª página)

bem como os pareceres que obtivera, o respectivo Regulamento, plano de urbanização de Quartel de Quarteira da Comissão de Revisão e do Conselho Superior de Obras Públicas não podemos deixar de reflectir — em face dos propósitos, sem dúvida, bem intencionados do noticiário, de conduzir a Câmara Municipal à demolição, mesmo coerciva, da tal casa «que nos é familiar», ao mesmo tempo que se louva o «valioso contributo para o progresso turístico de Quarteira» que o novo hotel representa — que, na verdade, Deus escreve direito por linhas tortas.

A fotografia — exibindo claramente três pisos — o que transcrevem das duas notícias e o conhecimento que temos quanto à imposição legal, contida no anexo aprovado de por um lado, conservar e proteger a tal casa «que há longos anos conhecemos» e, por outro, de não se consentir mais do que 2 pisos nas construções da avenida marginal, ao menos, sem prévio estudo envolvendo toda a zona nascente, tudo isso, não representa, para nós, senão um apelo, tornado público, para que se faça cumprir a lei.

Pela nossa parte secundamos esse apelo: Cumpre-se a Lei!

Jorge Barradas Correia

## ECOS DE SALIR

Salir, recebeu no passado dia 23 a visita pastoral de Sua Ex.º Rev.º o Sr. D. Francisco Rendeiro, Bispo do Algarve. Era aguardado no limite desta freguesia com a de Alte, pelo Rev. Prior João Vicente Duarte da Costa, Comissão Fabriqueira Paroquial e outras individualidades, que lhe apresentaram cumprimentos de boas vindas. Organizou-se então um cortejo de automóveis que acompanharam o de Sua Ex.º Rev.º até ao Largo da Igreja Matriz, onde se encontravam algumas centenas de pessoas que aclamaram com uma estrondosa salva de palmas o iminente prelado.

Sua Ex.º Rev.º dirigiu-se depois para a residência Paroquial donde saiu processionalmente para a Igreja Matriz que estava repleta de fiéis. Celebrou missa com alocução e procedeu ao Sacramento do Crisma a mais de centena de pessoas.

No final realizou-se uma procissão ao cemitério acompanhado por muito povo.

Vitimado por uma congestão cerebral faleceu há pouco o sr. António Guerreiro Nogueira, proprietário e comerciante, residente nesta localidade. O extinto contava 58 anos de idade, era casado com a sr. D. Maria de Jesus Rosa e pai da sr. D. Odilia Rosa Nogueira, Manuel Nogueira e Francisco Cavaco Nogueira, sogro da sr. D. Maria José da Silva Valente, e António Madeira Coelho, e avô da sr. D. Maria Rosa Nogueira Coelho, estudante universitária e do menino João Manuel Nogueira Coelho.

O funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério local com grande acompanhamento.

Faleceu o sr. Joaquim Mateus de 69 anos, proprietário, residente no sítio da Machela deserta freguesia.

C.

E se isto é ser «génio» então quero ser «génio».

\*

Na realidade, o actual campo de jogos, a sua pista e as instalações balneares e sanitárias, encontram-se em péssimo estado de utilização.

Também, acentuemos, o eufemístico «Estádio Municipal de Loulé», tem a bonita idade de 40 anos e foi construído com a ajuda da Câmara Municipal que precedeu a actual Situação Política.

O signatário destas crónicas ainda subscreveu uma letra de 1.500\$00, no Banco local, para se concluir o campo de futebol, letra essa que foi resgatada posteriormente com algumas receitas dos espectáculos desportivos e um subsídio da Câmara.

O campo de jogos, chegou a ter bancadas corridas e a ser um dos primeiros do Algarve, no seu tempo.

Hoje, tem muito menos do que teve nos seus principios e é de admirar que assim tenha sucedido tendo passado na última década, pela Municipalidade, pessoas que, à causa do desporto, têm consagrado parte da sua actividade.

Impõe-se a construção do novo Campo de Jogos, no recinto do Parque da Vila, como está projectado e que oferece condições das mais favoráveis para que se possa ali construir um campo de jogos conveniente e em condições muito favoráveis.

Bem faria a Municipalidade mandando executar os pormenores do referido projecto para se avaliar do seu custo e das possibilidades da sua execução.

\*

Estamos, porém, uma época, em que, para combater os que fizem alguma coisa por Loulé, se acusam estes de não se ter feito nada, depois agitando-se fantasmagorias de ações entorpecedoras e pouco construtivas!

R. P.

## O LOULETANO ABANDONOU a VOLTA AO ALGARVE

(Continuação da 1.ª página)

Tavira e independentes destas terras e de Alpiarça.

A primeira etapa, Tavira - Tavira, numa distância de cerca de 100 km foi ganha por Carrasqueira. Os louletanos classificaram-se com o mesmo tempo à excepção de Mendes, vítima de avaria.

A tarde disputou-se a prova em pista, ganha por Páscoa ao sprint, havendo perdido tempo o louletano Cebola, vítima de queda que também arrastou Tenazinha, o qual pôde recolher sem perda de tempo. Perna cortou a meta em 2.º lugar.

Nessa tarde, os da Associação voltaram a dar triste conta da sua missão pois, havendo combinado com o Louletano que os amadores corriam na pista entre si, publicaram comunicado proibindo a participação dos amadores na prova, a partir desse dia...

Chamados à realidade, deram o dito pelo não dito e, no dia seguinte, de Tavira a caminho de Loulé, os amadores alinharam, com excepção de um de Loulé, cuja autorização se inferira. Botito!

Em Loulé voltou a ganhar o Sérgio Páscoa, à frente de Tenazinha, Perna Coelho e outros.

Como tivesse sido reparado aos que tiraram os tempos que o Perna entrara junto do vencedor, e não atraçado, como se chegou a supor, prometeram os mesmos rever a situação e evitar essa injustiça, comprovada pelos próprios ciclistas e acompanhantes, que já em Tavira foram solicitados quando alguém lhes observou que além de dois corredores do Louletano também havia um outro atraçado, na pista.

Aconteceu em Olhão, quis Deus ou o Diabo que ganhasse o Perna Coelho destacado o que lhe valia a camisola amarela.

Pois ao outro dia, quando a equipa se apresentava para ver o seu membro vestir a simbólica vestimenta, é distribuído um comunicado do qual constava que o primeiro não era Perna Coelho mas sim Sérgio Páscoa, cuja no breza aliás não pactuou com a desastrada direcção da corrida visto publicamente ter reconhecido o erro dos infelizes dirigentes.

Como é óbvio, era demais. O Louletano, não podia participar numa prova e arriscar a sua dignidade e esforço dos atletas, e, em certa medida, o prestígio da Terra, dada a ausência de confiança em quem dirigia a prova e classificava a actuação dos ciclistas.

Fez bem? Els outro problema que encon-

## Em ALMANCIL

V. Ex.º poderá confiar a execução de todos os

## Trabalhos de Carpintaria a MANUEL DE BRITO SOUSA

em cujas oficinas foram agora instaladas modernas máquinas que possibilitam a execução de todos os trabalhos da especificidade a preços convidativos.

## Carta de Lisboa

(Continuação da 1.ª página)

Portugal, os heróis que se têm batido em Angola, com unhas e dentes, contra o terrorismo internacional e as ambições declaradas ou ocultas de certo imperialismo endinheirado. Esta guerra, que nos foi imposta, tem-nos custado os olhos da cara, mas a honra e a defesa da Pátria não se lamentam nem se discutem.

Apenas queremos registar nestas colunas os números astronómicos que a Nação se viu forçada a gastar, nos últimos quatro anos, com as forças militares extraordinárias no Ultramar, depois que o terrorismo se instalou na província de Angola, em Março de 1961 — há quatro longos anos de luta, de tenacidade, de heroísmo e de fé na Justiça imanente.

Informa-nos o sr. Ministro das Finanças que as despesas atrasas referidas se exprimem e comportam do seguinte modo: no ano de 1961 gastaram-se dois milhões e 427 mil contos, em 1962 três milhões 264 mil contos, no ano de 1963 três milhões 354 mil contos e o ano passado, em 1964, três milhões 592 mil contos. Foram cerca de 13 milhões que o país se viu forçado a despende em quatro anos, na defesa da sua soberania.

Não é difícil calcular o que poderia ter sido feito, nos domínios da educação, da assistência, do fomento e da valorização da Grai com os números astronómicos que a guerra nos levou, não ingloriosamente, mas no cumprimento do sagrado dever da defesa nacional, conservação do patrimônio moral e geográfico que os Maiores nos legaram.

Deste acontecimento, patriótico e financeiro, podemos colher uma lição de optimismo sobre o modo como se administraram os dinheiros do erário público, se referimos que a pedra angular da vida financeira do país assenta nos excedentes das receitas ordinárias, com os quais tem sido possível alimentar o nervo da guerra, sem o recurso ao empréstimo interno ou externo para as despesas militares.

Le-se no Relatório que «a sua manutenção (a defesa nacional), que se tem por necessária, dependerá, por um lado, do rigor da política de contenção das despesas ordinárias e, por outro, do nível da pressão fiscal que o apoio e estímulo do crescimento económico e social tornarem suportável». Isto quer dizer que o Ministério das Finanças está atento à evolução dos acontecimentos, arrecadando os excedentes das receitas ordinárias para, na medida do possível, evitar a pressão fiscal que incide sobre o contribuinte, que é como quem os outros nos impõem.

Este já vai longo e não é possível colher mais lições contidas no Relatório das Contas Públicas. O que afiá serve, de sobejo, para uma séria meditation sobre os nossos processos administrativos e as dificuldades que os outros nos impõem.

J. M. A.

## GUARDA-LIVROS

### PRECISA-SE

Nesta redacção se informa

trará juiz na consciência de cada qual.

O Presidente da Direcção do Louletano, pediu a demissão alegando a incapacidade revelada pelos da Associação, Juízes e Cronometristas, é tão evidente e notória que põe em risco o prestígio do ciclismo no Algarve onde há uma tradição gloriosa e rica a defender.

M.

## Justificação

Certifico, para efeitos de publicação, que no Primeiro Cartório da Secretaria Notarial de Loulé, a cargo do notário Licenciado José Alves Maria, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, no livro de notas para escrituras diversas, número vinte e um - B, de folhas oitenta, verso, a folhas oitenta e três, outorgada ontem, na qual Francisco Viegas Agostinho, proprietário, e mulher, Maria da Glória Silva, doméstica, residentes no sítio do Areeiro, freguesia de São Clemente, concelho de Loulé, se declararam, com exclusão de outrem, donos e legítimos possuidores do seguinte prédio: Uma couraça de terra de areia, com pinheiros, no sítio do Garrao, freguesia de Almansil, deste concelho, que confronta ao norte com José Lourenço Viegas, do nascente com António Inácio Guerreiro, do sul com Manuel Joaquim Bota Júnior e do poente com José de Sousa Inés, inscrita na matriz predial rústica da freguesia de Almansil, em nome do justificante Francisco Viegas Agostinho, sob o artigo quatro mil trezentos setenta e dois, com o valor matrício de oitocentos escudos, e a que atribuiram o de quarenta mil escudos.

Que o referido prédio não se encontra descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho.

Que possuem o referido prédio em nome próprio, há mais de trinta anos, sem a menor oposição de alguém, desde o seu início, posse que sempre exerceu sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, sendo por isso uma posse pacífica, contínua e pública, pelo que adquiriram o prédio por prescrição.

Que entraram na posse do mesmo prédio por partilha verbal, adicional, levada a efeito com o outro coerdeiro, seu irmão e cunhado José Lourenço Viegas, por óbito de Francisco Lourenço, que foi residente no sítio do Torrejão, freguesia dita de São Clemente, para dele justificante marido.

Que, dado o modo de aquisição do citado prédio não têm documento que lhes permita fazer a prova do seu direito de propriedade pelos meios normais.

Que as declarações supra foram confirmadas por José Galvão, casado, proprietário, residente na povoação e freguesia dita de Almansil, Francisco de Brito da Mana, casado, proprietário, residente no sítio da Quinta de Benvides, freguesia dita de Almansil, e Francisco Cristovão Mealha, casado, proprietário, residente no sítio de Vale de Egas, da referida freguesia de Almansil.

Está conforme ao original na parte extractada, nada havendo naquele em contrário ou além do que se certifica e transcreve.

Secretaria Notarial de Loulé, quinze de Junho de mil novecentos e sessenta e cinco.

O Notário,  
José Alves Maria

## LOULETANO com morada desconhecida

A fim de procurar solução para um problema que muito interessa ao nosso conterrâneo sr. Caetano Gregório Laginha, pede-nos um nosso assinante que divulguemos o seu desejo de, por intermédio deste jornal, estabelecer contacto com aquele seu amigo.

Pede, por isso, a qualquer pessoa que conheça o seu paradelo (no País ou no estrangeiro) o favor de pôr o sr. Gregório Laginha ao corrente deste facto ou comunicar para a redacção de «A Voz de Loulé».

Recusou sempre condecorações excepto o oficialato da Torre e Espada, a comenda de Avis e as medalhas puramente militares.

O almirante Mendes Cabeçadas era vivo da sr. D. Maria Vieira Cabeçadas, e pai das sr. D. Maria José Vieira Cabeçadas, D. Maria Dolores Vieira Cabeçadas e D. Maria da Graça Vieira Cabeçadas Nunes, casada com o sr. prof. Dr. Mário Arsénio Nunes, e irmão da sr. D. Berta Guerreiro Cabeçadas e dos sr. Joaquim e Nuno Guerreiro Cabeçadas.

A família enlutada endereçamos a expressão do nosso sentido pesar.

## PRÉDIO PARA DEMOLIR

Vende-se no centro da vila c/ 2 frentes, com cerca de 400 m2 de área.

Tratar pelo telefone 390

— LOULÉ —

VENDE-SE um prédio com posto de 1.º andar, R/C e quintal com 2 armazéns anexos.

Situado na Praça Manuel de Arriaga, 1 - B (vulgo Manuel da Mana).

Tratar no 1.º andar do próprio prédio.

## CURRENT CALAMO

Continuação da 1.ª página,

dia-a-dia das relações ditas de sociedade se verificam os dois aspectos do fenômeno, resultando dai para o observador mais confiável ou menos experiente a frequente dificuldade de distinguir por qual das formas de esquecimento se esfriam e, como bolas de sabão desaparecem, com os ânimos momentaneamente tão exaltados, as mais fagueiras espiranças.

No caso da decantada *Liga dos Amigos de Loulé*, que para exemplificação temos em mente, não se esqueceu para se recordar: houve amnésia total. E o entusiasmo do momento tinha sido tão grande!... Só que, sempre aqui se poderá obtemperar que Loulé continua a ter amigos e pessoas prontas a colaborar no seu progresso, mesmo sem o vínculo da *Liga* — salva, talvez, quanto ao sentido dessa colaboração, a hipocrisia e o amor-próprio

# QUEM É O DONO DA VACA?

(Continuação da 1.ª página)

mento colectável, efectuado o ano passado? — Sim, é por que quatro causas parece que foram invocadas a seu tempo; e como sócio contribuinte que sou da Casa do Povo de Alte, assisti-me o direito virtual (já que não tenho outro) de saber qual das razões indicadas é a verdadeira, tanto mais que o tal amigo da Casa do Povo levantou-se com sete pedras só porque eu houvera recomendado: cuidado com as taxas. Se a palavra «cuidados» lhe deu no gato, pois empregue-a com o prefixo «des», e durma descansado!

Se foi por acordo com o Grémio da Lavoura que se operou a subida das quotas, esse acordo, contudo, esteve longe de representar unanimidade, segundo informações colhidas ad hoc; se foi por falta de justiça, só é de estranhar que tal falta criasse cabelos brancos no posto, sem que houvesse uma alma bem-fazeja a embargar o passo à injustiça, que cresceu e prosperou durante mais de dez anos, que todos foram os decorridos desde a criação do órgão até Dezembro findo; se foi uma imposição do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, bem se poderia ter arranjado uma plataforma que não redundasse numa apreensão do rendimento líquido da propriedade, como adiante se verá; agora se a razão foi a alteração, para o díbolo, do rendimento colectável da propriedade, efectuada no ano anterior, que melhor exemplo a seguir do que aquele que o próprio Estado deu, reduzindo a taxa a pouco mais de metade? Mas não; quis-se ser mais papistado que o Papa, o que até certo ponto vem demonstrar que foi essa a verdadeira causa da alteração das quotas. De resto, ainda poderiam ter escolhido uma época menos afilítica do que a actual, que é de autêntica agonia para a Lavoura. A isso não se olhou, nem se olha, porque todos meios são bons quando toca a arranjar díheiro!

Há um caso, porém, que requer uma atenção especial, caso que tanto pode ser o meu como o de qualquer outro contribuinte que tenha bens na área da Casa do Povo, e cujo rendimento colectável se situa dentro ou um pouco acima de 50\$00, e o seu titular seja julgado com nível de vida superior ao dum trabalhador rural. Julgado por quem, a como? — Não se sabe. Daqui ressalta o aspecto arbitrário e prescrito de tal julgamento, cujo desfeche é a obrigatoriedade de o sócio contribuinte pagar a quota mínima de 60\$00 contra um rendimento de 50\$00. Quer dizer, o paciente paga não só todo o rendimento da terra, senão ainda mais 10\$00, além da contribuição do Estado. Ora isto não é uma taxa aplicada ao contribuinte, mas a apreensão pura e simples daquilo que a propriedade produziu.

Se o meu caso, porventura, não é precisamente este em relação ao rendimento colectável (duas courelas com pouco mais dum hectare) tenho, contudo, razões que razão para crer que o facto se dá em relação ao rendimento efectivo; e é este o que importa. E aqui está a tal justiça que o amigo da Casa do Povo preconiza. Já Maquiavelo dizia: Não se olha a meios quando os fins servem.

Outro caso semelhante, mas não tão abrangente, é o facto de os grémios de lavoura cobrarem taxas por escalações. Estes estão separados entre si por uma diferença apenas de um centavo. Desse modo, para passar da taxa de 60\$00 para a de 120\$00, basta ter o tal centavo a mais no rendimento colectável. E o que se pode chamar o centavo mais caro da nossa moeda! Daqui o Zé pagante, muitas vezes, confundir taxa com «tachos», o que aliás não é de admirar.

Porque não se aplica, a estes casos, uma percentagem, como acontece com as Câmaras Municipais?

Convém aqui esclarecer que o rendimento colectável bruto da propriedade, neste caso rústica, deduzidos que sejam todos os encargos inerentes, incluindo salários, ferramentas, etc. Dado que

**ALGARVESOL**  
Urbanizações, Construções  
e compra de terrenos.

**Escritórios:**  
PORTIMÃO — Praça da República, 13-2.º E.  
Telefone 808

FARO — Largo do Mercado, 35 — Telef. 23838

## Justificação

Certifico, para efeitos de publicação, que no Primeiro Cartório da Secretaria Notarial de Loulé, a cargo do notário Lencio José Alves Maria, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, no livro de notas para escrituras diversas, número vinte e um -C, de folhas setenta e oito a folhas oitenta, verso, outorgada ontem, na qual José Lourenço Viegas, proprietário, e mulheir, Antónia Guerreiro, doméstica, residente no sitio do Torrejão, freguesia de São Clemente, concelho de Loulé, se declararam, com exclusão de outros, donos e legítimos possuidores do seguinte prédio: uma courela de terra de semear arenosa, com pinheiros, no sitio do Garrao, freguesia de Almansil, desse concelho, que confronta do norte com Joaquim Fernandes Aleixo, do nascente com António Inácio Guerreiro, do sul com Francisco Lourenço Viegas e do poente com José de Sousa Inês, inscrita na matriz rústica da freguesia de Almansil, em nome do justificante José Lourenço Viegas, sob o artigo quatro mil trezentos e setenta e um, com o valor matrício de oitocentos escudos, e a que atribuiram o de quarenta mil escudos.

Que o referido prédio não se encontra descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho.

O tempo, porém, está a faltar e o espaço também, aliás tão necessários, sem cuidarmos do essencial. E o essencial, longe de ser um caso de avarice, ou de egoísmo sordido, longe de ser falta de compreensão dos problemas sociais como erradamente o tal amigo pretende quando inverte os termos ao quebrado divisor, sem olhar à regra da divisão, fazendo assim cidadade por conta alheia, o essencial e o que importa é uma coisa muito antiga e muito séria sobre que assentam as nossas instituições — o direito de propriedade — que, no caso presente, não só é ofendido, como também adulterado. Um imposto, uma taxa, uma percentagem, como a própria palavra o indica, carecem dum objecto passivo sobre que incidam. Ora este objecto — o rendimento colectável — é inferior à taxa aplicada, ressaltando aos olhos de um cego, *ipso facto*, aquilo que se faz não só somente «tachar» pois redundou num acto de apreensão, seguido de multa, contra todos os principípios que informam o direito de propriedade.

Está velho e ultrapassado esse direito? — Pois substituam-no por qualquer outra coisa e não mantenham ilusões acerca dele! De resto, se me hão-de reconhecer o direito de propriedade só para cobrir encargos, e por outro lado me hão-de negar para auferir benesses, que ao menos me fique a possibilidade, quanto a esse direito e na medida em que o decoro não seja afectado, de dar aquela resposta que o Corregedor de Santarém deu ao Conde de Castelo Melhor. Ser dono dumha vaca apenas para a cuidar e sustentar, e o leite, sob qualquer pretexto, pertencer a outro, que o consome a seu belo prazer, isso não serve! Precisamos, antes de saber quem é o dono da vaca, até porque, sendo de cor muito vermelha (gado de trabalho, já se vê) há razões para rejeitar o leite — sai sujo e muito arruissado!

Quem é, pois o dono da vaca?

Um sócio contribuinte da Casa do Povo

**SOLICITADOR**  
João M. G. Iria  
Solicitador Provisionário

Largo D. Pedro I, n.º 15  
TELEFONES:  
Escrítorio 79  
Residência 387  
LOULE

## Agradecimento

Gerrudes Renda Cavaco

Seu marido, José Guerreiro Cavaco, na impossibilidade de manifestar a sua gratidão a todos os que se dignaram incorporar no funeral de sua saudosa esposa ou que de qualquer outro modo manifestaram interesse pela sua saúde, recorre a este processo para testemunhar a todos o seu mais profundo reconhecimento.



Visite os amplos salões de exposição de

## Horácio Pinto Gago

Telefone 83  
Rua Dr. Frutuoso da Silva LOULE Av. José da Costa Mealha

# Francisco Martins Farrajota & Filhos, Limitada

## LOULÉ

Tem o prazer de comunicar ao comércio de mercearia e à indústria hoteleira, que em colaboração com as suas representadas:

## U C A L

LEITE simples e com aromas

logurtes, Natas e Frangos de Qualidade

## União das Cooperativas dos Produtores de Leite de Entre Douro e Minho

Manteiga de Vaca e Queijo Tipo Flamengo

## Aveirense, L. da

TODA A GAMA DE CARNES

está apta a assegurar o abastecimento a todo o ALGARVE, com os seus camions equipados de frigoríficos, apoiados pelas instalações de frio que acabou de construir.

## José Laginha Duarte

(Ex - empregado da firma

LAGINHA & RAMOS, LD.º)

## Proprietário de RELÓPTICA

Tem a satisfação de comunicar a todos os seus prezados clientes e amigos que acaba de instalar uma bem apetrechada oficina de reparação de relógios, com aparelhos de tão rigorosa precisão que até inclui um verificador electrónico.

Além disso, o mecanismo do relógio é garantido pela substituição de peças de origem das fábricas de cada uma das marcas.

Estes factores, aliados a uma larga experiência profissional, são garantia da precisão dos consertos executados na

## RELÓPTICA

Rua 5 de Outubro LOULÉ

## Justificação

CARTÓRIO NOTARIAL DE ALBUFEIRA

Notário: Lic. Adolfo Armando Jorge Batalha

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que neste cartório e no livro de notas para escrituras diversas n.º A-13, de folhas 52 verso a folhas 53 verso, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, com data de nove do corrente mês, na qual José dos Santos e mulher Rosa Viegas, proprietários, residentes no sitio de Vale d'Éguas de Cima, freguesia de Almansil, do concelho de Loulé, se declararam, com exclusão de outros, donos e legítimos possuidores do prédio rústico que se compõe de uma courela de terra arenosa e de semear com árvores de fruto e pinheiros, no sitio de Barros da Fonte Santa ou só Fonte Santa, da freguesia de Quarteira, do concelho de Loulé, a confrontar do nascente com José Nunes Farias, do norte com caminho, do poente também com caminho e do sul com José dos Santos e João dos Santos Caneças, com a área de 3.822 metros quadrados, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 873, com o valor matrício de mil e duzentos escudos, e faz parte do prédio descrito na Conservatória do Registo Predial de Loulé sob o n.º 19.103, a fls. 20, do livro B-49.

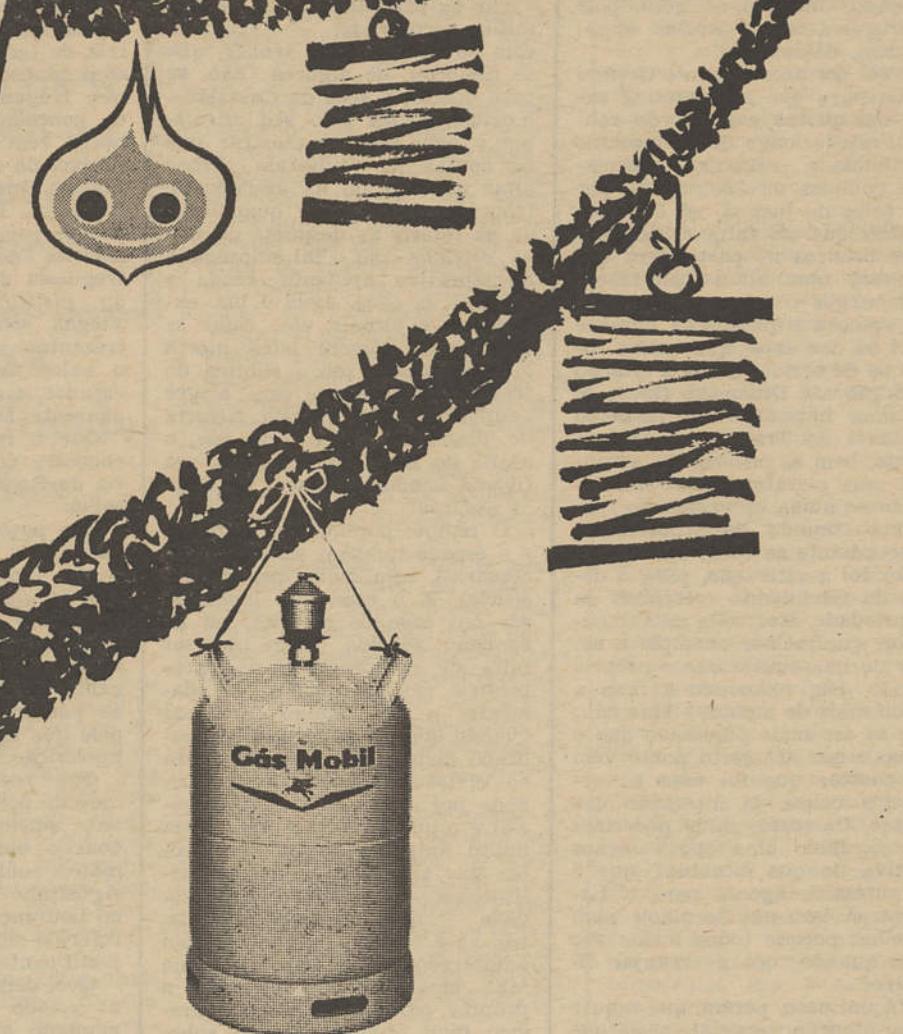
Mais certifico que o mencionado prédio se encontra inscrito no registo predial a favor de José Gonçalves, menor, residente no sitio da Pedra de Água, da freguesia de S. Sebastião, do concelho de Loulé, o qual vendeu, por título particular que se extraviou, o mesmo prédio a Francisco Gonçalves, casado com Benvinda Viegas, trabalhador rural, residente no mencionado sitio de Barros da Fonte Santa, tendo este, por sua vez, vendido o prédio aos justificantes, por escritura de 7 de Maio do corrente ano, lavrada a fls. 83, do livro de notas n.º 495, do Conservatório Notarial de Lagoa.

Está conforme ao original  
Álbufeira, 11 de Junho de 1865  
O Notário,  
Adolfo Armando Jorge Batalha

Ajude o Artesanato!  
comprando «obra de palma» ALGARVIA

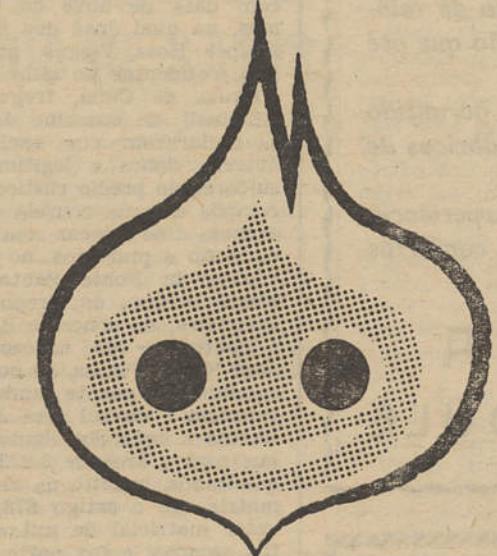
## campanha dos SANTOS POPULARES

A todos os novos consumidores de **GásMobil** que façam os seus contractos de 10 de Junho a 10 de Julho, a **Mobil** oferece uma garrafa de Gás e descontos especiais na compra de material de queima. A ocasião é única - Aproveite-a!



Da noite de S. JOÃO  
Não há tristeza que fique.  
O meu coração faz **CLICK!**,  
Vai embora a solidão.

O manjerico é amor,  
S. JOÃO saudades mil.  
Quente será a fogueira  
Acesa com **GásMobil**.



# Gás Mobil



com o inimitável sistema **CLICK!**

**Agente em Loulé: José Guerreiro Martins Ramos**

# PAIS e FILHOS DE HOJE

(Continuação da 6.ª página)

bolho que há uns meses me conduziu do Porto a Vila Real, pintado pelas mãos hábeis de um menino de três a quatro anos, ajudado na pintura por uns «palzinhos» a condizer.

Tudo daquelas pessoas a que modernamente se convencionou chamar gente bem... Entraram em S. Bento e sentaram-se no banco da mesma fila, mas do outro lado do corredor. Acompanhava-as uma senhora que parecia ser amiga da família. O comboio pôs-se em andamento, e dali a pouco o «pano subiu»...

Começou o espectáculo porque o menino tratava o pai por tu e os pais o menino por senhor... — Onde estão os nossos avós, que em boa língua portuguesa tratavam os progenitores por Senhor Pai e Senhora Mãe? E Senhor era também qualquer pessoa mais velha que eles. Hoje, é «tu cá, tu lá», que traduzido à letra significa que andamos todos «na mesma escola»!

Mas voltando ao espectáculo: conversaram, e a certa altura da conversa, a mãe da criança mostrou à amiga qualquer coisa que não queria que o filho visse. O menino quis ver, a mãe não deixou. E foi o melhor do quadro: o rapazinho atirou-se para cima da mãe, aos berros, bateu-lhe nas mãos e na cara, chomou-lhe burrinha com todas as letras, várias vezes, ia até jurar que lhe chamou também «filha da...». A mãe deu-lhe umas palmadinhas a medo, e fez prometendo que em casa levaria o castigo merecido. Ao lado, o pai, com ar de cansado, ce imbecil ou de indiferente, nada disse.

A senhora amiga, talvez envergonhada, como eu, da cena que acabava de presenciar, pegou no miúdo ao colo e saiu com ele para outra carruagem. Entretanto o «menino prodígio» ia sempre berrando: «Burrinha, é uma burrinha», e a mãe, corada até à raiz dos cabelos porque eu oihara para ela com ar de espanto e de censura, lá ia repetindo a promessa de um castigo que certamente se não daria, por quanto dali a instantes, quando o miúdo voltou à cena, todos riram com certa gracinha que nasceu no seu cérebro fecundo e saiu dos seus lábios inocentes!...»

Perguntou depois a mim mesma quem precisava mais de castigo: se a mãe que provocava uma curiosidade a que não queria ou não podia atender, se o filho exteriorizando a sua revolta em toda a sua educação que já trazia de casa.

E foi assim o quadro que descrevi tal qual o vi «pintar», e que bem merece ser profundamente meditado. E são assim certos pais e certos filhos de hoje, uns numa imprevidência e outros numa rebeldia que brada aos céus! Não admira, pois, que o Mundo esteja um caos, que a Moral seja uma velha manta de farrapos, e que se continui a perguntar alarmado: «Para onde vamos nós?»

(Do «Jornal de Felgueiras»)

## Propriedades

VENDE-SE uma horta no sítio da Pernada de Almargem (Quarteira), com abundância de água e casas de habitação.

— Uma propriedade no sítio do Semino (Quarteira) com árvores de fruto, vinha e terras de semente.

Tratar com Maria de Souza Gonçalves — Estrada de S. Luís, 65 - 1.º Esq. — FARO.

## Solicitador Encartado

Geraldo dos Santos Estevens

Rua da Madalena, 66 - 3.º Dt.

Telefone 869573

LISBOA

## PRÉDIO PARA ARRENDAMENTO

Precisa a Caixa de Previdência do Distrito de Faro, nas imediações da sua sede, para instalação, em anexo, de alguns serviços.

Dirigir proposta à Rua Infante D. Henrique, n.º 34, 1.º, em FARO.

## Batalhas de Flores

(Continuação da 1.ª página)

pulavam os carros, nem comparavam nos festejos, quando muito se limitavam a simples assistentes e comparsas.

Isto é verdadeiro e incontrovertível.

Claro, para aqueles que desejam que se façam sempre as festas, não se davam ou não se queriam dar conta disso. E vá então de trazer à realização das mesmas pessoal de fora, julgando que os naturais já não tinham vontade e poder criador para as organizar e realizar.

Puro engano. O mal era outro.

Este ano se demonstrou à evidência que o poder criador dos louletanos não falta. Magestade e bom gosto de concepção não faltaram. Houve apenas um pequeno senão que a propaganda bem organizada se encarregou de suprir, mas que não deve voltar a repetir-se. Senão ficam irremovivelmente condenadas as nossas Batalhas de Flores.

Pensando detidamente no caso, e considerando que a tentativa deste ano não foi inteiramente feliz, ousamos alvirtrar uma modalidade que, a ser bem acolhida e ajudada, deverá dar incansante e renovado encanto, aos festejos. E mais uma tentativa que estimamos não seja frustada.

Contribuímos com esta modesta ideia para a perenidade dos festejos que tantos desejam. Oxalá ela ajude a aceleração e possibilidade de realização que se nos antolha viável e desejável.

Queríamos ainda dizer alguma coisa sobre a possível redução da largura dos carros, com o fito de os fazer circular nos dois sentidos do corso, a fim de os ocupantes poderem batalhar de carro para carro, e alvirtrar um cuidadoso estudo sobre a maneira de evitar, tanto quanto possível, o risco de acidentes nas faixas de rolagem, sobretudo de crianças que se entretem na recolha de saquinhos e serpentinas atirados no combate.

Ficará para outra oportunidade.

Indre para quem quer que seja, e seriam festas sempre renovadas porque os participantes seriam sempre novos e desejosos de figurar nos festejos.

Os carros seriam oferecidos para o efeito e as tripulações representativas seriam da escolha das entidades interessadas, tripulações que, de harmonia e com o consentimento dos seus familiares, entrariam na competição, sendo os trajes, as serpentinas, sacos e papelinhas inteiramente de conta dos participantes, visto que os referidos estudantes teriam sempre maneira de conseguir tudo isso dos seus ditos familiares.

É claro, não se excluiria a participação de todas as outras pessoas ou classes que desejasse agrupar-se e figurar com os seus carros nos festejos. Não havendo mais que divertirem-se e batalhar, a dentro da tradicional elegância e bom gosto sem demonstrados.

Assim, as batalhas pela constante renovação dos participantes seriam cada ano melhores e mais brilhantes.

Contribuímos com esta modesta ideia para a perenidade dos festejos que tantos desejam. Oxalá ela ajude a aceleração e possibilidade de realização que se nos antolha viável e desejável.

Queríamos ainda dizer alguma coisa sobre a possível redução da largura dos carros, com o fito de os fazer circular nos dois sentidos do corso, a fim de os ocupantes poderem batalhar de carro para carro, e alvirtrar um cuidadoso estudo sobre a maneira de evitar, tanto quanto possível, o risco de acidentes nas faixas de rolagem, sobretudo de crianças que se entretem na recolha de saquinhos e serpentinas atirados no combate.

Ficará para outra oportunidade.

Silviano Fagundes

«A VOZ DE LOULÉ»  
N.º 325 — 20-6-1965

Comarca de Portimão  
Secretaria Judicial

### ANÚNCIO

2.ª publicação

Pelo Juiz de Direito desta comarca, na Execução Ordinária para Pagamento de Quantia Certa, pendente na primeira secção da Secretaria Judicial desta comarca, movida por Manuel Cabrita da Silva, casado, comerciante, residente em Gateiras, freguesia do Algoz, contra Alfredo Leandro, comerciante, ausente em parte incerta da França, com última residência conhecida no sítio da Guiné, freguesia de Paderne, concelho de Albufeira, e este executado notificado por editos de trinta dias a contar da data da segunda e última publicação deste anúncio, de que por despacho de vinte e dois do corrente mês de Abril foi ordenada a penhora nos bens a seguir mencionados:

N.º 1

C direito a 2/8 partes individuais num prédio rústico, sito nas Gateiras, freguesia do Algoz, concelho de Silves, que se compõe de terra de semear com diversas árvores e confronta do norte com o Farol, do sul com Raul da Silva Casarota, do norte com Manuel Gonçalves e Artur Guerreiro e do poente com Joaquim da Silva Carneirinho, não descrito na Conservatória do Registo Predial, e inscrito na respectiva matriz urbana sob o art.º 1.154. Vai à praça no valor de 8.400\$00.

Loulé, 3 de Junho de 1965  
O escrivão de direito  
da 1.ª Secção  
João do Carmo Semedo  
Verifiquei a exactidão:  
O Juiz de Direito,  
(a) José António Carapeto  
dos Santos

Um novo Livro de  
Pedro de Freitas

(Continuação da 1.ª página)

Nacional das Bandas Civis de Portugal e, ao longo do mesmo, se referem curiosos episódios da vida das localidades em que medraram e se desenvolveram essas valiosas agremiações de tão prestante função cultural.

Está de parabéns Pedro de Freitas e nós louletanos, porque o seu autor, louletano cem por cento, embora nem sempre tratado como merece pelos seus coterrâneos, não perde uma única oportunidade para exaltar e incluir o nome de Loulé nas suas notas elogiativas.

R. P.

TERRENO  
para construções

VENDE-SE, na Campina de Cima, terreno para construções.

Nesta redacção se informa.

Quarteira

Portimão, 24 de Abril de 1965  
O escrivão de direito  
da 1.ª Secção  
Francisco Marques de Oliveira  
Verifiquei a exactidão  
O Juiz de Direito,  
Inácio Alfredo da Fonseca  
Fernandes

**Knittak SUPER-RÁPIDA**  
Uma máquina revolucionária  
na sua simplicidade de manejo!

Este novo modelo faz inúmeros pontos de fantasia automaticamente com  
Selecionador de Agulhas incorporado  
Sem teclas, sem elevações e sem pesos.  
Agora já não poderá ser mais fácil tricotar.

Única premiada com Medalha de Ouro

A MÁQUINA DE TRICOTAR mais eficiente, prática e rápida que existe no mundo.

DEMONSTRAÇÕES E VENDAS:  
Concessionário para o ALGARVE: José Costa Mariano  
Rua 5 de Outubro, 88 - 90 - Telef. 274 - LOULÉ

## DEFENDA A SAÚDE!

## EXIJA DO SEU FORNECEDOR

## ÁGUAS TERMAIS

## CALDAS DE MONCHIQUE

— Bacteriologicamente puras

— Digestivas

— Finíssimas

Garrafas  
0,25 / 0,80

Garrafões  
5 litros

Distribuidores EXCLUSIVOS no Algarve e Alentejo

Estabelecimentos Teófilo Fontainhas Neto - Comércio e Indústria  
SOCIÉDADE ANÔNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Telef. 8 e 89 - S. BARTOLOMEU DE MESSINES - Algarve

Depósitos: FARO - Telef. 23669 - TAVIRA - Telef. 264

LAGOS - Telef. 287 - PORTIMÃO - Telef. 148

## TRANSPORTES DE CARGA LOULETANA

### LIMITADA

TRANSPORTES DE CARGA PARA ALUGUER

### Agência em FARO

Largo de São Pedro, 23-A

TELEFONE 1751

Séde em LOULÉ - Telefones 30 e 17

Agências em LISBOA: R. de S. Mamede, 24-D (ao Caldas)	Agência em ODEMIRA: Avenida 5 de Outubro, 34 Telefone 86 56 37
Telefone 476	Av. 24 de Julho, 88-B e 88-C Telefone 66 94 46

## AOS GARAGISTAS!

As Empresas de Transportes Colectivos e de Carga!

## AOS PINTORES!

e a todos os Industriais que utilizam Ar Comprimido!

## Manuel Tomaz Gomes

com oficina especializada

Comunica que tem para entrega imediata compressores de ar de 1/2 a 25 HP da acreditada marca «QUINCY» Americana, sua representada, e Filtros de ar, manorreductores, lubrificadores pneumáticos de origem Alemã.

## REGUEIRÃO DOS ANJOS, 69

(ao Largo de Santa Bárbara)

Telef. 41.501 e 40.148

LISBOA - 1

# Notícias pessoais

## ANIVERSARIOS

Fazem anos em Junho  
Em 20, a menina Maria de Lourdes Lima Lopes de Oliveira.

Em 24, o sr. Eduardo João Passos Correia e sua esposa sr.ª D. Maria Fernanda Romeira Mora-gado Correia.

Em 25, o menino António Manuel Barros Caneias, residente em Angola.

Em 26, os srs. António Tomé Guerra e Mariano Guerreiro Domingues e a menina Maria Isabel Silvestre Cristóvão, residente na Austrália.

Em 27, as sr.ªs D. Maria Pedro Mendonça e D. Maria Teresa Alves Pais Santana, as meninas Maria Gabriela Gonçalves Fernandes Reis Pinto e Aldina Maria da Piedade e os meninos Tancredo Carapeto Redol, residente em Lisboa, e Ernesto de Sousa Coelho, de Quarteira.

Em 28, as meninas Maria Manuela Viegas da Rocha Monteiro e Iolanda Maria da Costa Azevedo, residente em França.

Em 29, a menina Maria Eunice da Piedade Pinto Lopes, residente em Lisboa.

Em 30, os srs. Edmundo de Sousa Ramos, residente em Almada, e José Guerreiro Martins Ramos.

Fazem anos em Julho:

Em 1, o sr. Francisco Brito Rocha, residente em Carnaxide.

Em 2, a sr.ª D. Guilhermina Pereira Bento de Sousa Ramos, e o sr. Manuel de Sousa Farraga, residente no Canadá.

Em 3, a sr.ª D. Emilia de Sousa Carrusca, o sr. José Ferreira Gonçalves Cachaco, residente em Marrocos e o menino Edeíberto Correia, Contreiras e Heitor Rua Arqueri, residente na Argentina.

Em 4, as sr.ªs D. Maria Célia de Brito Pinto, residente na Venezuela e D. Lídia Guerreiro Portela.

Em 5, a menina Maria Filomena Calço Gonçalves e as sr.ªs D. Maria da Conceição do Adro e D. Maria Barros da Costa Guerreiro.

Em 6, as meninas Aurida Maria da Piedade Ferreira, Maria do Carmo Vasques da França Leal, Maria Henriqueta Vila Lobos de Carvalho Santos e Aura Maria Rosa.

Em 7, a sr.ª D. Aura Rosa Fonseca.

## PARTIDAS E CHEGADAS

Acompanhado de sua esposa sr.ª D. Lucília Gonçalves de Brito e de seu filho, sr. José João Gonçalves Vicente de Brito, regressou da Venezuela o nosso conterrâneo e prezado assinante sr. José Vicente de Sousa Brito.

— Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Hermínia Manuela Passos Pedroso Gomes, esteve em Loulé, de visita aos seus familiares, o nosso conterrâneo e dedicado assinante em Lisboa sr. Manuel Tomás Gomes, considerado industrial naquela cidade.

— Com sua esposa e filhos, esteve em Loulé com curta demora o nosso conterrâneo e prezado assinante e amigo sr. Adrião João do Nascimento, conciliado comerciante em Vila Real de Santo António.

— A passar uma temporada em casa de suas sobrinhos, encontra-se em Lisboa a nossa conterrânea e dedicada assinante sr.ª D. Francisca Dias da Piedade Formosinho.

## DOENTE

Vítima de uma queda provocada por uma casca de banana que distraidamente pisou na rua, encontra-se gravemente enferma a sr.ª D. Alice Fernandes Mendonça, mãe das sr.ªs D. Cândida Mendonça Filho e D. Alice de Sousa Mendonça e José de Sousa Mendonça.

É mais uma vítima da incúria daquelas pessoas que, por falta de educação cívica, tudo atiram para a rua sem pensarem no mal que poderão causar ao seu semelhante e até mesmo à comunidade a que pertencem, visto que pelo estado de asseio de uma terra se pode avaliar o grau de civilidade dos seus habitantes.

## ENLACE MATRIMONIAL

No passado dia 16 do corrente, na igreja paroquial de Quarreira, realizou-se o enlace matrimonial da nossa conterrânea sr.ª D. Maria Tomé Martins dos Santos com o sr. Silvestre Fernandes.

Apadrinharam o acto por parte da noiva as sr.ªs D. Maria de Jesus Pinto e D. Teresa Jesus Pinto e por parte do noivo a sr.ª D. Delmira Guerreiro Pinto Coelho e o sr. Inácio Guerreiro Fernandes.

## HORTA

VENDE-SE uma horta na Campina de Cima, com pomar de variadas frutas, especialmente laranjeiras. Abundância de água, casas de habitação e dependências agrícolas.

Nesta redacção se informa.

## Uma Organização Comercial Louletana ao serviço do Turismo Algarvio

Após a cerimónia foi servido um finíssimo «copo de água» na «Residencial-Triângulo», propriedade do irmão da noiva.

Aos noivos, que seguiram em viagem de núpcias para a Espanha, endereçamos os nossos parabens, com votos de feliz vida conjugal.

## FALECIMENTOS

Com a idade de 67 anos, faleceu em casa de sua residência em Vale d'Eguas (Almancil), no passado dia 5 do corrente, a sr.ª D. Maria Filipe Bota, que deixou viúvo o nosso prezado assinante sr. António Bota Valério, proprietário naquele sítio.

A saudosa extinta era mãe do nossos prezados amigos srs. Albertino Filipe Bota, sócio da firma Teixeira & Bota, Ld., de Faro e Graciano Filipe Bota e da sr.ª D. Irene Filipe Bota.

— Em casa de sua residência, nesta vila, faleceu no passado dia 3 do corrente a sr.ª D. Gertrudes Renda Cavaco, que contava 80 anos de idade, deixou viúvo o nosso prezado assinante e amigo sr. José Guerreiro Cavaco e era mãe dos srs. José Guerreiro Cavaco, Manuel Alaguinha Cavaco e Francisco Martins Cavaco e da sr.ª D. Maria Gertrudes Cavaco.

No Hospital de Jesus em Lisboa, faleceu no passado dia 13 do corrente o nosso prezado assinante e amigo sr. Manuel Pereira, natural do Barranco do Vello, que contava 88 anos de idade. O saudoso extinto era pai das sr.ªs D. Maria Beatriz Alves de Sousa, D. Serafina Pereira Helbling, D. Beatriz da Conceição Pereira Ventura Frade e D. Maria da Conceição Pereira Honrado e do sr. Manuel Pereira, importante industrial e nosso prezado assinante e amigo; sogro da sr.ª D. Sara Sá da Costa Pereira, do saudoso General José da Encarnação Alves de Sousa e dos srs. Eng.º Carlos Helbling, professor do Instituto Superior de Agronomia, e Manuel Ventura Frade e José dos Reis Honrado, conciliados comerciantes em Faro e em Olhão.

A morte do sr. Manuel Pereira foi geralmente sentida e o seu funeral realizou-se de Lisboa para jazigo de família no cemitério de Faro.

A todas as famílias enlutadas apresenta «A Voz de Loulé» a expressão do seu pesar.

## Marifenda (Boliqueime)



### Agradecimento Joaquim Gonçalves Silva

Sua família, vem, por este meio, testemunhar o seu reconhecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à última morada o saudoso parente e às que por qualquer forma exteriorizaram os seus sentimentos de pesar, bem como às que se interessaram pelo estado de saúde do extinto, durante a sua permanência no leito.

## Posta Rural

## Aviso ao público

No seu próprio interesse não deixe de utilizar os serviços que os carteiros rurais lhe podem prestar.

## ELES DEVEM:

Vender — selos e outras fórmulas de franquia.

Acetar — dinheiro para ser convertido em valores de correio e telegráficos ou para ser depositado na Caixa Económica Portuguesa quando dependam directamente duma estação.

— telegramas para fazer expedir do posto ou estação sede do giro.

— Correspondências ordinárias devidamente franquiliadas para distribuir entre os lugares da área em que fazem distribuição.

— Correspondências devidamente franquiliadas para serem registadas sem valor declarado, no posto ou estação sede do giro.

— telegramas para fazer expedir do posto ou estação sede do giro.

— Correspondências ordinárias devidamente franquiliadas para distribuir entre os lugares da área em que fazem distribuição.

— Correspondências devidamente franquiliadas para serem registadas sem valor declarado, no posto ou estação sede do giro.

— Correspondências ordinárias devidamente franquiliadas para distribuir entre os lugares da área em que fazem distribuição.

— Correspondências ordinárias devidamente franquiliadas para distribuir entre os lugares da área em que fazem distribuição.

Nota importante: Sempre que o carteiro receba qualquer importância do público destinada ao pagamento de qualquer serviço, deverá passar um recibo provisório, que o público guardará para trocar com o definitivo que o carteiro lhe apresentará na distribuição seguinte.

Nesta redacção se informa.

O desenvolvimento turístico do Algarve é já hoje uma realidade. Por toda a parte se constroem modernos hotéis, aldeias turísticas, pensões, restaurantes, vivendas e muitas outras edificações destinadas a servir o turismo.

Naturalmente que este desenvolvimento está sendo correspondido por uma afluência cada vez mais numerosa de turistas nacionais e estrangeiros e cuja permanência entre nós tem feito surgir complexos problemas outrora desconhecidos no Algarve. E o da alimentação é sem dúvida um dos mais graves e que mais cuido de solução exige.

Como louletanos, regosijamo-nos por que uma firma da nossa terra tenha tomado a arrojada iniciativa de dar tão valioso contributo para que o desenvolvimento turístico da nossa província não provoque a alarmante escassez de determinados géneros de primeira necessidade, cuja falta tanto se recela.

E esta iniciativa é tanto mais de louvar, quanto é certo que a abundância de determinados produtos poderá evitar a sua contínua subida de preços, o que teria inevitáveis reflexos no aumento do custo de vida no Algarve, o que aliás de há muito se vem sentindo.

— No Hospital de Jesus em Lisboa, faleceu no passado dia 13 do corrente o nosso prezado assinante e amigo sr. Manuel Pereira, natural do Barranco do Vello, que contava 88 anos de idade.

O saudoso extinto era pai das sr.ªs D. Maria Beatriz Alves de Sousa, D. Serafina Pereira Helbling, D. Beatriz da Conceição Pereira Ventura Frade e D. Maria da Conceição Pereira Honrado e do sr. Manuel Pereira, importante industrial e nosso prezado assinante e amigo; sogro da sr.ª D. Sara Sá da Costa Pereira, do saudoso General José da Encarnação Alves de Sousa e dos srs. Eng.º Carlos Helbling, professor do Instituto Superior de Agronomia, e Manuel Ventura Frade e José dos Reis Honrado, conciliados comerciantes em Faro e em Olhão.

A morte do sr. Manuel Pereira foi geralmente sentida e o seu funeral realizou-se de Lisboa para jazigo de família no cemitério de Faro.

A todas as famílias enlutadas apresenta «A Voz de Loulé» a expressão do seu pesar.

## DIA 22

Monchique — Farmácia Hygia, das 9 às 11 h.

Portimão — Farmácia Central, das 12 às 13 h.

Lagos — Farmácia Silva, das 15 às 18 h.

## DIA 23

Lagoa — Farmácia Estanislau, das 9 às 10 h.

Alcantarilha — Farmácia Prudêncio, das 11 às 13 h.

S. Bartolomeu de Messines — Farmácia Vargas Mogo, das 15 às 18 h.

## DIA 24

Albufeira — Farmácia Piéda, das 9 às 10 h.

Loulé — Farmácia Confiança, das 11 às 13 h.

Faro — Farmácia Oliveira Bomba, das 15 às 18 h.

## DIA 25

Olhão — Farmácia Ferro Junior, das 9 às 11 h.

S. Brás de Alportel — Farmácia Dias Neves, das 12 às 13 h.

Tavira — Farmácia Montepio Tavirense, das 15 às 18 h.

## DIA 26

Vila Real de Santo António — Farmácia Carmo, das 9 às 10 h.

Alcoutim — Farmácia Caimoto, das 11 às 12 h.

Os nossos aparelhos são construídos p/la maior fábrica da América e com a mais perfeita técnica da Electro-Acústica. — Todos os aparelhos são garantidos e têm sempre assistência técnica nos nossos laboratórios.

— Não podendo visitar a nossa brigada técnica, nas localidades indicadas, aguardaremos a vossa presença em LISBOA na

**CASA SONOTONE**

POÇO DO BORRATÉM, 33-s/1 — Tel. 868352 e 865978

se dizem civilizados, contamindo já os meios pequenos, e com um á-vontade, um desplante, diga-se mais, com uma vaidade de ser malcriado, que arrepiado!

E medito igualmente se haverá alguém, que não seja um velhote ou uma velhota como eu, «bota de elástico que já se não usa», que tenha a coragem de ler e pesar semelhantes artigos, e que procure concorrer, tanto quanto possível, com a sua quota parte de ação, para pôr termo a semelhante estado de coisas que nos envergonha perante os estranhos, que nos devia envergonhar a nós em primeiro lugar.

E começo por onde e por quem?

Pelos pais, ah! sim, pelos pais, que são os primeiros responsáveis por este pavoroso estado de coisas que temos diante dos olhos em qualquer ponto do País que os abramos. Eu não posso esquecer o quadro horrível que se desenrola-se a meu lado, numa carruagem do com-

panhamento civilizado, contamindo já os meios pequenos, e com um á-vontade, um desplante, diga-se mais, com uma vaidade de ser malcriado, que arrepiado!

E medito igualmente se haverá alguém, que não seja um velhote ou uma velhota como eu, «bota de elástico que já se não usa», que tenha a coragem de ler e pesar semelhantes artigos, e que procure concorrer, tanto quanto possível, com a sua quota parte de ação, para pôr termo a semelhante estado de coisas que nos envergonha perante os estranhos, que nos devia envergonhar a nós em primeiro lugar.

E começo por onde e por quem?

Pelos pais, ah! sim, pelos pais, que são os primeiros responsáveis por este pavoroso estado de coisas que temos diante dos olhos em qualquer ponto do País que os abramos. Eu não posso esquecer o quadro horrível que se desenrola-se a meu lado, numa carruagem do com-

panhamento civilizado, contamindo já os meios pequenos, e com um á-vontade, um desplante, diga-se mais, com uma vaidade de ser malcriado, que arrepiado!

E medito igualmente se haverá alguém, que não seja um velhote ou uma velhota como eu, «bota de elástico que já se não usa», que tenha a coragem de ler e pesar semelhantes artigos, e que procure concorrer, tanto quanto possível, com a sua quota parte de ação, para pôr termo a semelhante estado de coisas que nos envergonha perante os estranhos, que nos devia envergonhar a nós em primeiro lugar.

E começo por onde e por quem?

Pelos pais, ah! sim, pelos pais, que são os primeiros responsáveis por este pavoroso estado de coisas que temos diante dos olhos em qualquer ponto do País que os abramos. Eu não posso esquecer o quadro horrível que se desenrola-se a meu lado, numa carruagem do com-

panhamento civilizado, contamindo já os meios pequenos, e com um á-vontade, um desplante, diga-se mais, com uma vaidade de ser malcriado, que arrepiado!

E medito igualmente se haverá alguém, que não seja um velhote ou uma velhota como eu, «bota de elástico que já se não usa», que tenha a coragem de ler e pesar semelhantes artigos, e que procure concorrer, tanto quanto possível, com a sua quota parte de ação, para pôr termo a semelhante estado de coisas que nos envergonha perante os estranhos, que nos devia envergonhar a nós em primeiro lugar.

E começo por onde e por quem?